

# O primeiro não se nomeia

## Considerações sobre a intervenção de François Recanati no *Seminário, livro 20*, de Jacques Lacan

---

Alexandre Bertoncini

### Resumo

O presente estudo tenta jogar alguma luz à intervenção de 12 de dezembro de 1972, de François Recanati, no *Seminário 20*, de Jacques Lacan. São trabalhados conceitos de predicação, nomeação, revestimento, esmagamento, entre outros, em consonância com a álgebra lacaniana. Procuramos abrir os conceitos apresentados até a representação do sujeito como cebola, citada por Freud.

### Palavras-chave:

*Seminário 20*; *Seminário 16*; Recanati; Predicação; Nomeação; Nome; Nominar; Ordinais; Esmagamento; *Mais, ainda*.

### The first one doesn't name itself

### Abstract

This study tries to shed some light on the intervention on December 12, 1972 by François Recanati in Jacques Lacan's *Seminar 20*. The concepts of predication, nomination, coating, crushing, among others, are worked on in line with Lacanian algebra. We try to open up the concepts presented up to the representation of the subject as an onion, quoted by Freud.

### Keywords:

*Seminar 20*; *Seminar 16*; Recanati; Predication; Naming; Name; Nominate; Ordinals; Crushing; *Encore*.

## El primero no tiene nombre

### Resumen

Este estudio intenta arrojar alguna luz sobre la intervención de François Recanati el 12 de diciembre de 1972 en el *Seminario 20* de Jacques Lacan. Se trabajan los conceptos de predicación, nominación, recubrimiento, aplastamiento, entre otros, en la línea del álgebra lacaniana. Se intenta abrir los conceptos presentados a la representación del sujeto como una cebolla, citada por Freud.

### Palabras clave:

*Seminario 20*; *Seminario 16*; Recanati; Predicación; Nominación; Nominar; Ordinales; Aplastar; *Encore*.

## Le premier n'est pas nommé

### Résumé

Cette étude tente d'éclairer l'intervention de François Recanati le 12 décembre 1972 au *Séminaire 20* de Jacques Lacan. Les concepts de prédication, de nomination, d'enrobage, d'écrasement, entre autres, sont travaillés selon l'algèbre lacanienne. Nous essayons d'ouvrir les concepts présentés à la représentation du sujet comme un oignon, citée par Freud.

### Mots-clés :

*Séminaire 20* ; *Séminaire 16* ; Recanati ; Prédication ; Nomination ; Nominer ; Ordinaux ; Ecraser ; *Encore*.

Estou sentindo uma clareza tão grande que me anula como pessoa atual e comum: é uma lucidez vazia, como explicar? assim como um cálculo matemático perfeito do qual, no entanto, não se precise. Estou por assim dizer vendo claramente o vazio. E nem entendo aquilo que entendo: pois estou infinitamente maior que eu mesma, e não me alcanço. Além do que: que faço dessa lucidez? Sei também que essa minha lucidez pode-se tornar o inferno humano — já me aconteceu antes. Pois sei que — em termos de nossa diária e permanente acomodação resignada à irrealidade — essa clareza de realidade é um risco. Apagai, pois, minha flama, Deus, porque ela não me serve para viver os dias. Ajudai-me a de novo consistir dos modos possíveis. Eu consisto, eu consisto, amém. (Lispector, 1972/2004, p. 41)

Organizamos, neste estudo, considerações a respeito de parte da explanação de François Recanati sobre a lógica de Port-Royal, feita em 12 de dezembro de 1972, no *Seminário, livro 20*,<sup>1</sup> de Jacques Lacan (1972-1973). Na intervenção feita por ele, entre os conceitos trabalhados e articulados, destacamos: nomenclatura, repetição, impossível, secção de predicado. Ele se apoiou nos números ordinais, bem como no conceito de esmagamento, os quais tentaremos seguir.

Começo com um fragmento que escutei em um atendimento, depois de ter finalizado este texto: “A vida é um *déjà-vu infinito*. Mais uma vez eu vi que estava priorizando a outra pessoa e não eu. De novo! *Repetindo* essa situação. De novo! Sinto que sou um grande clichê!”

Tomemos do texto de Recanati (1972/2010, p. 37, grifo nosso) uma ideia sobre repetição: “A repetição é a repetição de uma operação. Para que haja um termo a ser repetido, é preciso haver uma *operação que produza* esse termo.”

Veremos que o esmagamento e os números ordinais podem nos ajudar a pensar a produção do termo a ser repetido. Mas antes podemos ler nesse fragmento que um significante que norteia os ditos do sujeito foi “produzido” (ao qual o sujeito se colou) e, após ser inscrito, se repete. Nas voltas da análise, esse significante poderá ser esgotado, esvaziado, tirando toda a capa que o reveste de significação. Ou, se quisermos, de predicados. Ainda nas palavras de Recanati (1972/2010, p. 38), “O termo de chegada é o mesmo de partida, mas só se torna o mesmo *a posteriori*.”

Os números ordinais colocam ordem em uma *série*, de forma a *nomear* os ocupantes de determinado lugar nessa série. Nomear e nominar são termos que, talvez, mereçam atenção.

Tomando por ora o texto de Nazar (2019), verifica-se que há a necessidade de criar identidade para as coisas, nomeando-as. As coisas existem porque são nomeadas distintamente, para que não se construam dúvidas imaginárias sobre elas. Os nomes demonstrativos servem a isso. Ao se pensar no nome próprio, pode-se apontar *a falta-a-ser que se mostra no momento em que se nomeia alguém*. Dessa forma, nomear funda o campo da fala e da linguagem, em que um gozo se afirma no que se diz. Nomear dá existência ao nomeado, mas também ao nomeante, distinguindo-o daquele. Na Grécia Antiga, a mitologia foi um pilar simbólico para o impossível de dizer sobre o surgimento do homem, e ser grego tornou-se, assim, um marco identificatório pela mitologia poética. A identidade do homem grego era designada a partir dos nomes dos deuses, *inventados como borda para o vazio*. O nome, então, sendo próprio, nomeia algo que é, só existe pela designação de um nome, mas que se torna comum por sua repetição. Grego é, então, o *traço unário repetido na série de traços* que, por identificação ao assujeitamento a certa mitologia, lhe dá uma *identidade*: homem grego.

---

1 Para este trabalho, foi considerada a edição traduzida pela Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro, edição de 2010.

Então, segundo a autora, o traço unário é o que surge do objeto por ele designado e dele retém algo: sua identidade. O nome próprio é uma marca, um traço do real no corpo, que é incorporado pela repetição no nomeante. Seu valor de letra não cessa de se inscrever na repetição designativa do ser do sujeito, o qual é evanescente. O nome é dado como objeto da fantasia de quem nomina, e, nesse caso, *nominar* um bebê nada se sabe de quem de fato se nomeia. A nomeação recebida no nascimento ecoa na experiência de análise, e deve aí ser decifrada. Porém, a imagem refletida no eu que se reconhece em um nome é o fantasma a ser atravessado, levando o sujeito da posição de encenar o desconhecido da própria cena (fantasmática) à condição de leitor de seu texto e por meio desse processo escrever seu nome. Daí se diz que todo nome próprio é o que vem recobrir o buraco entre o eu que se afirma como indivíduo e o sujeito que sofre afânise na constituição do eu. O recobrimento dá uma falsa aparência de sutura.

Podemos, então, denominar “nome próprio é uma marca do real no corpo” como {0} e “recobrir o buraco entre o eu que se afirma como indivíduo e sujeito que sofre afânise” como “revestimento” ou “predicado”.

Seria a *nomeação* (nome próprio) o primeiro da série de *nomeações* de um sujeito? Sabemos que o nome pode ter efeito significante, mas voltemos aos ordinais, conforme Recanati:

Ordinal é um nome, mas, se é um nome, a função dessa palavra é nomear alguma coisa que, justamente, não é o próprio nome. É, de certa forma, o nome segundo do que precede, do nome que precede e que, sendo ele mesmo nome, é realmente um nome, mas para nomear algo que precede. (Recanati, 1972/2010, p. 43)

Podemos, neste ponto, recorrer à religião católica, notadamente na escolha dos nomes de um papa. É o próprio papa eleito que escolhe seu nome, abdicando do nome de batismo. O nome do novo papa é visto como um sinal ao mundo de que atitudes e políticas marcarão seu pontificado, como Bento XVI, que foi eleito e nomeado em 2005 e que possivelmente escolheu o nome “Bento” em homenagem ao último papa que adotou esse nome, o italiano Giacomo della Chiesa, entre 1914 e 1922, conhecido como o “Papa da Paz”. Bento XV tentou negociar a paz durante a Primeira Guerra Mundial.<sup>2</sup>

Nesse exemplo, o novo papa, ao se identificar a um antecessor, alinha seu pontificado politicamente a esse que tinha o mesmo nome, colocando um ordinal após o nome (16<sup>o</sup>), defasando-se em relação a seu nome de batismo. Ele seguirá a linha do anterior, identificando-se.

---

2 Consulta realizada em *sites*.



A nomeação é o revestimento de um impossível inicial, que se sustenta com o *encore*, infinito. O impossível diz “não”, recusa radical, denegação. A denegação não se preocupa com o que acontece atrás dela, com o que ela sustenta. Isso também é válido para o “primeiro” da série dos ordinais, já que não há o que vem antes. Dizer “sim” à recusa (denegação) sempre dará “não”, ou seja, infinitamente impossível.

Na nomeação, o que pode se tornar infinito não é a mesma coisa que já está ali como infinito (denegação inicial); o que vem como infinito é a nomeação do infinito. Em outras palavras, o que já está ali como denegação infinita (não) infinitiza toda e qualquer nomeação. Ou seja, *tentar nominar é infinito e não dará conta do impossível*. Logo, a nomeação do infinito é uma nomeação como qualquer outra, sujeita à ininfinitização que já está ali, no início. O *encore* dá limite (infinito) à extensão desse não radical. *Encore* é índice de infinito, mas também limite.

Nomear é infinito àquele que foi nominado e passa a nomear.

“Alexandre é alto. Então, depois do nome, vem o predicado.” Assim a professora ensinava na escola. Consultamos no dicionário o termo e encontramos, para predicado, o seguinte:

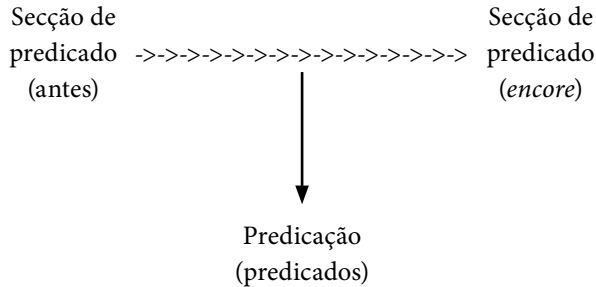
1. Propriedade característica de algo ou de alguém. = ATRIBUTO
2. Qualidade positiva. = DOTE, PRENDA, VIRTUDE
3. [Gramática] – Função sintática desempenhada pelo grupo verbal (verbo, seus complementos e modificadores) e que expressa algo sobre o sujeito.
4. [Lógica] Termo ou conjunto de termos que se atribui, por meio de afirmação ou negação, ao sujeito de uma proposição. (Dicionário Priberam da língua portuguesa, 2008-2021)

Predica-se o substantivo, nome. E poderíamos pensar: predica-se um sujeito, recobrindo o nome com os predicados. Recanati lança a ideia de secção de predicado:

- É o que, antes de qualquer predicação, a sustenta.
- É o que há quando já não há mais predicados.
- Secção de predicado situa-se num antes e num depois da predicação, e são a mesma coisa.
- É o que sustenta a predicação como *revestimento* de uma impossibilidade de fornecer TODOS os predicados, sem que *ao menos um* se destaque como representante na impossibilidade, o *encore*. (Recanati, 1972/2010, p. 45)

Podemos pensar o funcionamento da secção de predicado como análogo ao esquema proposto anteriormente na nomeação. Ou seja, entre os predicados, é possível sectionar um anterior e um posterior, para que haja a sustentação dos predicados:

Figura 2. Secção de predicado.



Fonte: Elaborada pelo autor.

A secção é um corte. Corte que sustenta a impossibilidade de apresentar todos os predicados. Assim como a nomeação, é a tentativa de revestir um vazio. E, portanto, infinita, já que não dá conta de predicar esse vazio. O predicado é “destacável”.

E quem predica o quê?

Conforme já exposto, se um ordinal dá nome àquele que o precede (o “segundo” cria o “primeiro”), o ordinal não se nomeia a si mesmo. Além disso, cada ordinal carrega (cabe a somação de) todos que o precederam. Podemos, então, escrever estas proposições:

- 1<sup>o</sup> (nomeado pelo 2<sup>o</sup>)
- 2<sup>o</sup> (nomeado pelo 3<sup>o</sup>, implícito que houve um 1<sup>o</sup>) etc.

Então, um ordinal *predica* um nome na série (o segundo predica o primeiro, como no exemplo do cartório).

Aqui, podemos falar de *efeito de esmagamento*. Esmagar é comprimir, arrebentar, juntar. E, ao se esmagarem pedaços, é possível juntá-los em uma nova configuração. É o que o autor propõe, dizendo que um 3<sup>o</sup> foi obtido de um esmagamento entre um 2<sup>o</sup> e de um 1<sup>o</sup>.

Para isso, com o uso da notação matemática, parte-se do impossível: 0 (zero), ou conjunto vazio  $\varnothing$ . De novo, Recanati (1972/2010, p. 45): “O zero, conjunto vazio, é o elemento único do conjunto idêntico a zero, ou seja, é o único elemento que vem identificar o conjunto. É predicado dele mesmo. Identificação de Zero.”

Mas o zero pode ser colocado em um conjunto, ou seja,  $\{0\}$ , e, nesse caso, torna-se: conjunto unitário, 1. Em outras palavras, inscrição do impossível (inscrição de zero) seria anotado:  $\{\varnothing\}$ , traço unário, que corresponde ao conjunto unitário: 1. Nesse ponto, identificação de zero e predicado de zero são a mesma coisa. Podemos ler: o primeiro que escolheu seu nome de papa, ou Cartório de Registro Civil,

o que começou a série. Ao se esmagarem os dois primeiros termos,  $\varphi$  (que é igual a zero) e  $\{\varphi\}$  (que é igual a 1), forma-se: 2. E, sucessivamente, forma-se a série. Em notação matemática, temos:

Tabela 1. Série criada por esmagamento.

Operação	Resultado
$\varphi$	0 (“zero”/impossível inicial, predicado dele mesmo)
$\{\varphi\}$	“1” (traço unário, predicado de zero = identificação de zero; nominação inicial)
$\varphi$ esmagado com $\{\varphi\}$	$\varphi, \{\varphi\}$ , nominado de “2”
$\varphi$ esmagado com $\{\varphi\}$ e com $\varphi, \{\varphi\}$	$\varphi; \{\varphi\}; \varphi, \{\varphi\}$ , nominado de “3”
$\varphi$ esmagado com $\{\varphi\}$ e com $\varphi, \{\varphi\}$ e com $\varphi; \{\varphi\}; \varphi, \{\varphi\}$	$\varphi; \{\varphi\}; \varphi, \{\varphi\}; \varphi; \{\varphi\}; \varphi, \{\varphi\}$ , nominado de “4”
$\infty$	$\infty$

Apresentando na notação de conjunto, que o autor propôs:

Figura 3. Série de esmagamentos.

$\{\varphi, \{\varphi\}, \varphi, \{\varphi\}, \varphi; \{\varphi\}; \varphi, \{\varphi\}; \varphi; \{\varphi\}; \varphi, \{\varphi\}; \varphi; \{\varphi\}; \varphi, \{\varphi\}; \varphi; \{\varphi\}; \varphi, \{\varphi\}\}$

Fonte: Recanati, 1972/2010, p. 46.

Ou, em termos de repetições, que abrimos o texto: *O 4 repete o 3, o 3 repete o 2 que repete o 1 e ele mesmo repete o 0.*

No *Seminário, livro 16*, Lacan (1968-1969/2008) já usava a lógica apresentada para desenvolver o estabelecimento do Outro, fazendo uso de S1, S2 e do objeto *a*, como se segue:

Para que haja simbólico, é preciso que se conte pelo menos 1. Durante muito tempo acreditou-se que podia reduzir-se ao Um, ao Um de Deus — só



existe um — o Um do império (...). É por isso que não é nada abusivo em simbolizarmos aqui o campo do simbólico por esse 1.

É claro que Um não é simples, e o progresso todo consistiu em percebermos que *ele funciona como 1 numérico, isto é, que ele gera uma infinidade de sucessores, desde que haja um zero*. Isso para nos atermos à exemplificação do simbólico por um dos sistemas bem mais bem estabelecidos atualmente. Essa contagem, seja qual for o nível de estrutura em que a situemos no simbólico, tem efeitos no imaginário, que evocamos há pouco como a ordem pela qual o real de um organismo, isto é, um real totalmente situado, é completado por um *Umwelt*. O que se ordena em meu discurso, e cabe aos que o acompanham pôr à prova esta formulação, é que *a contagem tem efeito de fazer surgir no nível do imaginário aquilo que chamo de objeto a*. (Lacan, 1968-1969/2008, p. 290, grifo nosso)

Figura 4. Surgimento do *a* pela contagem.



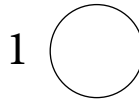
Fonte: Lacan, 1968-1969/2008, p. 291.

Lacan faz uso do símbolo nabla:  $\nabla$ , o delta invertido, operador do cálculo vetorial que abarca três operações. No caso apresentado, destacamos a operação vetorial “saindo do ponto”, ou seja, a partir de “1” ocorre a vetorização, que permite a formação das outras camadas, sucessivamente, até se formar o objeto *a*. Em outras palavras, se o simbólico é instituído pelo “1”, podemos conversar com o texto de Nazar (2019), que aponta: “nomear funda o campo da fala e da linguagem, onde um gozo se afirma no que se diz”. O Um, traço, inscrição, funda um campo, simbólico, o qual é infinito, limitado pelo *encore*. Em análise, se extrai o *a*, com “uso” do simbólico, desde que se façam bordas. Sem deixar de se constituírem camadas.

No mesmo seminário, Lacan (1968-1969/2008, p. 364) formula algo bem próximo à exposição de Recanati, com a “diferença” de que as chaves são trocadas por círculos, o qual Lacan usou para “inscrever o Outro”. Na mesma exposição, há o que Lacan chama de “um-a-mais”. Para tanto, ele começa em 1, não sem o uso do conjunto vazio.

Parte de um esquema e só diz de onde saiu o *primeiro* 1 *a posteriori*. Mas coloquemos no início: seria o “um dentro do Outro”, o Um perante o qual o sujeito tem a oportunidade de se representar pelo um, o primeiro. Ele vem do primeiro tempo com que se constitui o Outro, que Lacan compara a um cavalo de Troia, mas que funciona de forma inversa: tragando significantes em vez de expelir soldados. Ele é o mínimo necessário para se afirmar que o Outro não pode conter a si mesmo. O esquema começa assim:

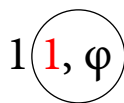
Figura 5. Início.



Fonte: Lacan, 1968-1969/2008, p. 364.

Ao 1 inicial se forma o (campo) do Outro. Então, podemos ler: *um Outro*. É também o nome do seminário: de *Um Outro* ao outro. De Um Outro, parte-se para a estrutura, não sem uma operação significativa. Lacan (1968-1969/2008, p. 365) aponta que “um significante representa o sujeito para outro significante”. Prossegue: “é o significante perante o qual aquilo que tem que funcionar de sujeito se representa no campo do Outro” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 365). Para que haja dois significantes, só é possível por meio da operação com o conjunto vazio, no esquema da Figura 6:

Figura 6. Operação com o conjunto vazio.



Fonte: Lacan, 1968-1969/2008, p. 364.

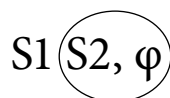
A essa inserção do “ $\varphi$ ” dentro da inscrição do Outro, junto a este 1, representação do sujeito no (campo do) Outro, Lacan chamou *um-a-mais*, a qual tem função externa ao subjetivo. Ou seja, novamente, “é o significante perante o qual aquilo que tem que funcionar de sujeito se representa no campo do Outro” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 365). Esse 1 *no Outro* não pode deixar de comportar o *um-a-mais* ( $\varphi$ ) do conjunto vazio.

São os três significantes de base: 1, 1 e  $\varphi$ . E escrevendo os três com efeito significativo, é suficiente para que constituam uma estrutura, antes mesmo que se trate de fazer surgir o aparecimento do sujeito.

Então, estamos diante da mesma lógica apresentada por Recanati, que de um vazio se inscreve e faz 1 e, em seguida, 2, e cria uma série. Lacan parte de 1 (representação do sujeito no Outro) e da inscrição do Outro, e, com o zero,  $\varphi$ , faz o que seria o 2, mas que ele chamou de um (1), inscrição do sujeito no campo do Outro. Também se identifica aqui o efeito de esmagamento já comentado anteriormente.

Mais adiante, ele avança no diagrama e diz que, para se tornar um-a-mais,  $\varphi$ , o Outro precisa de um outro. “Esse é um segundo significante, um outro *um*, que diferentemente do primeiro está incluído no Outro” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 367). O diagrama pode ser escrito em termos de S1 e S2:

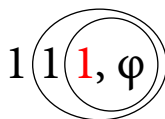
Figura 7. Escrevendo em termos de S1 e S2.



Fonte: Elaborada pelo autor a partir do *Seminário 16*  
(Lacan, 1968-1969/2008, pp. 364-367).

O primeiro 1, S1, intervém como representação de sujeito, mas essa intervenção só implica o aparecimento do sujeito no nível de S2. Só em S2 ele pode ser representado. O sujeito só pode ser representado no campo do Outro. “Portanto, (...) o um-a-mais, o conjunto vazio é S(A), isto é, significante do Outro, A inaugural” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 367).

Figura 8. Operação de esmagamento.



Fonte: Lacan, 1968-1969/2008, p. 366.

Assim como na explicação lógica, o esquema segue sucessivamente por esmagamento e, segundo Lacan, é isso que define o Outro. “E é justamente isso que constitui a instância como tal do objeto *a*” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 367).

Volto aqui às palavras da paciente: “A vida é um *déjà-vu* infinito.” Talvez nos caiba perguntar: O que se repete, no que se repete?

Aqui, seria interessante pensar na tradução proposta de “*encore*” como “Mais, ainda”. Ou então, é “mais”, mesmo que seja “ainda”. Em outras palavras e usando a demonstração anterior, quando se diz que 2 é resultado do esmagamento de 0 e 1, pode-se dizer que 2, que é “mais” que 0 e 1, “ainda” é constituído de 0 e 1. Ou então, no “mais”, persiste o “ainda”. No esquema de Lacan, os “1” que vão sendo esmagados no conjunto inicial.

As nomeações (2, 3, 4, ...) foram obtidas de repetições e esmagamentos. Os predicados também o seriam? Ao se pensar nos significantes, quantos se juntam para formar outros significantes? Então, podemos dizer que seguem a lógica do “repetir e esmagar”.

O esmagamento é progressivo e não resolve a falha (inicial), que pede um fechamento impossível. A vetorização do inicial para um infinito, ou “*a*”. O que o esmagamento faz ao se realizar é reproduzir a falha. Ao produzir um novo elemento, esse confronta-se com todos os elementos anteriores que ele contém, fazendo surgir uma impossível identidade. Novamente, Recanati:

A impossível identidade é que se repete a cada novo esmagamento, (...), como o de Ícaro, que há alguma coisa que levanta voo e despenca miseravelmente, e não se arrebeta no buraco que devia ter sobrevoado e sim na falésia. (Recanati, 1972/2010, p. 46)

Há entre o impossível inicial ( $\varphi$ ) — o “nada do conjunto vazio” — e sua inscrição ( $\{\varphi\}$ ) uma barreira, fronteira ou buraco. Pode-se ultrapassá-lo, mas não o alcançar. Podemos notar pela exposição matemática: há um “mais” que avança nas nomeações e um “ainda” que repete o que veio antes. Com a repetição, o buraco vem junto, justamente na passagem do 0 ao 1, ou do  $\varphi$  ao  $\{\varphi\}$ .

Retomo, então, o texto de Nazar (2019), no último parágrafo que o referido buraco é mencionado:

Daí podemos dizer que todo nome próprio é o que vem recobrir o buraco entre o eu que se afirma como indivíduo e o sujeito que sofre afânise na constituição do eu. Esse recobrimento dá uma falsa aparência de sutura.

Será que chegamos à *essência* do ser? Se da passagem do impossível ao traço temos uma fronteira, buraco que se repete, a *essência* é formada de um vazio? A seguinte passagem de Recanati nos coloca a pensar:

Nunca se está no *entre* dois, (...) ordinais, mas sempre num ou no outro. (...) Isso quer dizer que o limite de que falo, que se atomiza (reduz à dimensão mínima) e se fragmenta numa série de fronteiras que nunca se pode alcançar e que então se reproduz (o buraco entre 0 e 1), se coloca como limite absoluto (“pleno”) é portanto o Todo, ou seja, esse algo que se sustenta sozinho, que não precisa de outra coisa e que é, para a filosofia, a substância, ou ainda a substância das substâncias, isto é, o ser. (Recanati, 1972/2010, p. 47)

Ao colocar em movimento um processo por meio da infinitização, exclui-se o limite sem que ele deixe de existir, ou seja, excluir e manter existindo, o autor propõe que os processos inconscientes desafiam a lógica formal, desarmando a maior parte dos procedimentos da lógica. E para isso argumenta que:

A insistência do limite, na medida em que ele é excluído, na medida em que ele existe, não exprime apenas que há um abismo entre 0 e 1, mas é no seu esmagamento no 2 que implica certo *desconhecimento* desse abismo, uma verdadeira *recusa*, que se assemelha a um *dementido* ou a uma *denegação*. (Lacan citado por Recanati, 1972/2010, p. 47, grifo nosso)

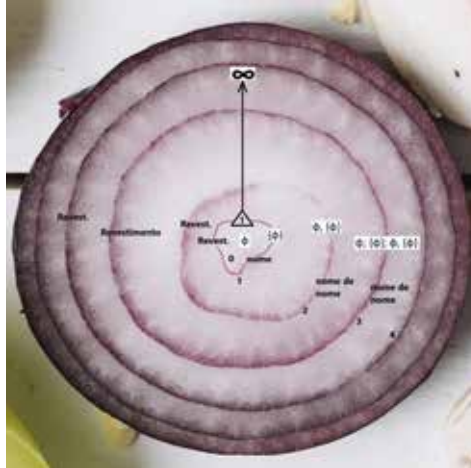
Seguir com o “mais” e carregar o “ainda”, uma operação que não “para de parar”. Abri este texto com “A lucidez perigosa”, de Clarice Lispector (1972/2004). No pequeno conto reflexivo, notamos ali o vazio, o abismo, que, ao ser elucidado, pode tornar-se o inferno humano. Estaríamos entre o impossível inicial e sua inscrição, que é inalcançável, porém superável? Consistir é o pedido da autora: revestir-se de predicados, dar consistência, para continuar na acomodação resignada à irrealidade. Ver claramente o vazio pode ser perigoso! Cubra-se o vazio de predicados, escondendo o abismo inicial.

Freud comparou a mente humana a uma cebola. Lacan (1953-1954/1983), no *Seminário, livro 1*, nos legou a tarefa de descascá-la:

Freud escreve que o eu é feito da sucessão das suas identificações com os objetos amados que lhe permitiram tomar a sua forma. O eu é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-lo, e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram. (Lacan, 1953-1954/1983, p. 199)

Arrisco aqui uma representação da cebola, com elementos deste texto:

Figura 9. A cebola com elementos deste texto.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Descasquemos a cebola. Com o cuidado de manter o vazio; contornado, bordado.

## Referências bibliográficas

- Dicionário Priberam da língua portuguesa (2008-2021). Recuperado em 13 de maio, 2022, de <https://dicionario.priberam.org/predicado>
- Lacan, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20: encore* (pp. 35-65). Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, lição 2, 12 de dezembro de 1972.
- Lacan, J. (1983). A báscula do desejo. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Nazar, T. P. (2019). *Nominar ou nomear: eis a questão!* Recuperado em setembro, 2023, de <https://escolalacaniana.com.br/publicacoes/nominar-ou-nomear-eis-a-questao/>
- Recanati, F. (2010). *Intervenção sobre o seminário de Jacques Lacan. O seminário, livro 20: encore* (pp. 35-65). Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, lição 2, 12 de dezembro de 1972. (Trabalho original publicado em 1972)

**Recebido:** 01/06/2023

**Aprovado:** 15/06/2023